

Texto base – Semana Nacional de Ciência e Tecnologia - 2026

“Ciência Delas”

Você sabe quem criou o limpador de para-brisa que permite enxergar melhor na chuva e torna o trânsito mais seguro[1], ou quem inventou a seringa de uso com uma só mão, tão comum em hospitais e emergências[2]? E as vacinas modernas de mRNA, que nos protegem de doenças[3], inclusive contra a Covid-19[4], ou o teste Apgar[5], aplicado em quase todos os recém-nascidos. Você arriscaria dizer o nome da pessoa pioneira em estudos de radioatividade[6], usada em exames e tratamentos médicos?

Será que você já reparou nas escadas externas[7] de prédios usadas em incêndios e sabe quem teve essa ideia que salva vidas nas cidades? Já viu por aí algum “Orelhão”[8], o telefone público que marcou gerações no Brasil e mudou a comunicação urbana? Você imagina quem criou a programação que faz computadores funcionarem, desde o primeiro algoritmo[9] da história até os compiladores e linguagens em “inglês” usados por bancos e governos[10], ou a internet sem fio, o Wi-Fi e o Bluetooth[11]? Quantas dessas invenções você usa todos os dias sem saber quem realmente mudou o mundo por trás delas?

-
- [1] Invenção de Mary Anderson (1903).
[2] Invenção de Letitia Mumford Geer (1899).
[3] Katalin Karikó realiza pesquisas relacionadas ao mRNA desde os anos 1990, tornando possível a criação de diversas vacinas, inclusive as relacionadas à Covid-19.
[4] Jaqueline Goes de Jesus foi destaque por liderar o sequenciamento do genoma do vírus SARS-CoV-2 no Brasil em apenas 48 horas, em 2020.
[5] Teste desenvolvido por Virginia Apgar (1952).
[6] Estudos de Marie Curie. Ela foi ganhadora de dois prêmios Nobel, sendo um em Física (1903) e o outro em Química (1911).
[7] Invenção de Anna Connelly (1887).
[8] Chu Ming Silveira criou o orelhão, unindo design e funcionalidade (1971).
[9] Ada Lovelace lançou as bases da programação moderna, ao criar o primeiro algoritmo da história (1843) e imaginar, ainda no século XIX, máquinas capazes de ir muito além de simples cálculos.
[10] Linguagem computacional desenvolvidos principalmente por Grace Hopper, que criou o primeiro compilador funcional (A-0, em 1952) e inspirou linguagens de alto nível como o COBOL.
[11] Hedy Lamarr (1941) é a inventora do sistema de salto de frequência, base tecnológica do Wi-Fi e do Bluetooth (em parceria com George Antheil).

Pois bem: muitas dessas invenções que atravessam o nosso cotidiano – da segurança no trânsito à saúde pública, da comunicação às tecnologias digitais – têm algo em comum que frequentemente passa despercebido: foram concebidas, desenvolvidas ou aperfeiçoadas por mulheres. Durante muito tempo, suas contribuições foram invisibilizadas ou atribuídas a outros, refletindo um padrão histórico de exclusão no campo científico e tecnológico. Tornar visíveis essas trajetórias não é apenas um exercício de reconhecimento, mas um passo fundamental para compreender que a ciência sempre foi construída também pelas mãos, pelas ideias e pela persistência das mulheres. Ao evidenciar esse protagonismo, ampliamos referências, inspiramos novas gerações e reafirmamos que o futuro da ciência depende de incluir, valorizar e fortalecer a participação feminina em todas as áreas do conhecimento.

A ciência é tecida por múltiplas vozes, saberes e trajetórias. Reconhecer e fortalecer essa pluralidade é condição essencial para o avanço do conhecimento e para a construção de um projeto de desenvolvimento nacional socialmente justo. O Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação reafirma que a popularização da ciência deve estar comprometida com a inclusão, a equidade e a superação das desigualdades estruturais. É com essa perspectiva que o tema “**Ciência Delas**” orienta a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT), convocando a comunidade científica e educacional a ampliar a participação das mulheres como protagonistas na produção e difusão do conhecimento.

A história da ciência oferece referências inspiradoras que evidenciam o potencial transformador da participação feminina. Marie Curie permanece como símbolo incontornável dessa trajetória, sendo a única pessoa a conquistar o Prêmio Nobel em duas áreas distintas – Física e Química –, rompendo barreiras em um contexto profundamente excludente. No Brasil contemporâneo, temos várias cientistas se destacam como, por exemplo, a bióloga Tatiana Sampaio, criadora da polilaminina, uma inovação promissora na área da regeneração celular e da neurociência. Na área da agropecuária, Rosangela Hungria destaca-se como uma das maiores especialistas do mundo em microbiologia do solo, com impacto

direto na sustentabilidade da produção agrícola brasileira. Por fim, cientistas como Jaqueline Góes de Jesus demonstram a relevância da presença feminina na linha de frente da ciência, ao coordenar o sequenciamento do genoma do coronavírus em tempo recorde, contribuindo decisivamente para a resposta científica à pandemia, juntamente com a médica e cientista Ester Cerdeira Sabino. Esses são alguns exemplos que ganharam maior visibilidade no período recente — entre tantos outros igualmente relevantes, que também merecem reconhecimento e valorização.

Em diferentes campos do conhecimento, mulheres vêm não apenas produzindo ciência, mas também tensionando estruturas desiguais. A economista Claudia Goldin, laureada com o Prêmio Nobel de Economia em 2023, tornou-se referência global ao evidenciar as raízes históricas da desigualdade salarial entre homens e mulheres. Esse trabalho extrapolou o campo acadêmico e inspirou debates concretos, que repercutiram em inclusão e maior equidade em ligas esportivas internacionais. Na engenharia, trajetórias como a de Enedina Alves Marques – primeira mulher negra a se formar engenheira no Brasil – revelam o quanto a presença feminina nesse campo representa não apenas avanço técnico, mas também conquista social e política, abrindo caminhos para novas gerações.

Os dados recentes revelam avanços importantes, como a expressiva participação feminina na produção científica nacional. Em 2024, o Brasil foi o terceiro colocado na lista de países com maior participação feminina na ciência. Nossas pesquisadoras assinaram quase 50% das publicações científicas do Brasil nos últimos anos¹. No entanto, persistem desigualdades significativas, especialmente nas áreas de ciências exatas, engenharias e inovação tecnológica, bem como nos espaços de liderança e reconhecimento. Essas assimetrias não são casuais: resultam de processos históricos de exclusão, que limitaram o acesso das mulheres à educação, à ciência e às oportunidades de desenvolvimento profissional. Ao mesmo tempo, tais desigualdades se aprofundam quando atravessadas por marcadores como raça, renda, território e

¹ [Brasil é o terceiro colocado na participação feminina na ciência | Agência Brasil](#)

deficiência

Os dados ainda mostram que as desigualdades persistem, com presença minoritária de mulheres em áreas como matemática (19%), ciência da computação (21%) e engenharias (24%)², e é ainda mais estarrecedor quando se trata de patentes de inovação de mulheres, quando os índices são inferiores a 10%. Essas assimetrias são fruto de processos históricos de exclusão, que limitaram o acesso das mulheres à educação, à ciência e às oportunidades de desenvolvimento.

Nesse sentido, a SNCT se apresenta como um espaço privilegiado de mobilização social e educativa. Professores da educação básica, pesquisadores, instituições científicas, museus, centros de ciência e demais atores são convidados a integrar o tema “**Ciência Delas**” às suas práticas cotidianas, explorando, em todas as áreas do conhecimento, o papel das mulheres na produção científica, tecnológica e nos saberes tradicionais. Isso implica, por exemplo, valorizar referências femininas nas diferentes disciplinas, problematizar estereótipos de gênero, estimular a participação de meninas em atividades científicas e criar ambientes de aprendizagem mais inclusivos e acolhedores ou revisar currículos. Nas ciências naturais e exatas, pode-se evidenciar contribuições históricas e contemporâneas de mulheres; nas ciências humanas e sociais, aprofundar o debate sobre desigualdades e direitos; nas artes e linguagens, promover narrativas que visibilizem trajetórias femininas; e, de forma transversal, incorporar a perspectiva da equidade como princípio pedagógico.

É preciso reconhecer também que o saber ancestral e a medicina natural das mulheres foram perseguidos e invisibilizados, sobretudo na Idade Média, quando muitas foram chamadas de “bruxas” e queimadas. A sociedade patriarcal as confinou ao espaço doméstico e, no Brasil, o acesso à educação formal somente foi permitido para elas há menos de dois séculos atrás, em 1827, enquanto para os homens, era possível desde o século XVI, quase 300

² [Brasil é o terceiro colocado na participação feminina na ciência | Agência Brasil](#)

anos antes. As mulheres ainda tiveram que esperar mais meio século para acessar o ensino superior, em 1879. Essa realidade também é atravessada pela questão racial e por outras formas de exclusão relacionadas a classe e diversidade, que impuseram barreiras adicionais às mulheres de grupos minoritários, limitando seu acesso à educação, à ciência e às oportunidades de reconhecimento.

Contudo, hoje, as mulheres superaram os homens em escolaridade, conforme a PNAD e o Anuário Brasileiro da Educação Básica (2025). Mas, fenômenos como o teto de vidro – barreiras invisíveis e culturais que impedem que mulheres qualificadas alcancem cargos de liderança, mesmo com igualdade de qualificação – e o efeito tesoura – diminuição da participação feminina em cargos de liderança, pesquisa ou docência à medida que a carreira avança, apesar de serem maioria na graduação e pós-graduação. – ainda persistem.

As barreiras históricas e estruturais limitam o protagonismo feminino. A participação delas no mercado de trabalho aumentou, mas a desigualdade salarial e a sub-representação em cargos de liderança continuam. A remuneração das mulheres é 20,9% menor que a dos homens para as mesmas tarefas. Além disso, a pesquisa “Sem Parar 2025: O trabalho e a vida das mulheres cinco anos depois do início da pandemia” mostra a permanência da sobrecarga de trabalho e cuidado na vida das mulheres. Conforme o estudo, 43% das mulheres são as únicas responsáveis pelo trabalho doméstico, e 48% cuidam de alguém sem remuneração, majoritariamente familiares, como pais e filhos. Esses dados refletem a divisão social do trabalho historicamente reproduzida, com trabalho reprodutivo sustentando o produtivo e os privilégios da sociedade patriarcal.

Além disso, as mulheres ainda sofrem com opressões e violência simbólica, doméstica e de gênero no país. Estudos indicam que, nas Universidades, as violências vão desde desqualificação intelectual, perseguições, comentários constrangedores de cunho sexual, estupro, feminicídio³. O Governo Federal, o

³ Panoramas da violência contra mulheres nas universidades brasileiras e latino-americanas – 2022 (Almeida; Zanella, 2022).

Congresso Nacional e o Poder Judiciário lançaram o Pacto Nacional – Brasil contra o Femicídio, que inclui o site TodosPorTodas.br.

Diante desse panorama de desigualdades – e em conformidade com o 5º Objetivo Sustentável da Agenda 2030 da ONU (ODS), que trata da necessidade de acabar com as formas de discriminação e eliminar a violência contra todas as mulheres e meninas, nas esferas públicas e privadas (ONU, 2015) –, o MCTI adota estratégias que reconhecem diversidade, equidade e justiça social como condições indispensáveis para elevar a qualidade científica, fortalecer a inovação e enfrentar os desafios do País.

Na 5ª Conferência Nacional de Ciência e Tecnologia, por exemplo, consolidamos o debate sobre a participação feminina na ciência e ratificamos o compromisso com a equidade de gênero. O MCTI firmou parceria com os ministérios da Igualdade Racial, das Mulheres e dos Povos Indígenas e com o CNPq, criando as chamadas públicas, como a *Atlânticas* (Programa Beatriz Nascimento de Mulheres na Ciência), que concede bolsa de doutorado sanduíche e pós-doutorado para mulheres negras, indígenas, quilombolas, ciganas.

Em 2024, o MCTI e o CNPq anunciaram o investimento de mais R\$ 100 milhões, ao longo de três anos, na chamada pública Meninas nas Ciências Exatas, Engenharias e Computação. Soma-se a isso o esforço para divulgação de editais e chamadas públicas que consideram a desigualdade de gênero. O resultado tem sido promissor. No caso da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT) de 2025, com o tema "Planeta Água: Cultura Oceânica para Enfrentar as Mudanças Climáticas no Meu Território", dos 265⁴ projetos selecionados, 153 foram coordenados por mulheres (57,7%). Nas Feiras de Ciência, foram selecionados 345 projetos, sendo 169 liderados por mulheres (48,9%). Nas Olimpíadas, a participação de meninas chega a quase 50%, porém, a disparidade se revela quanto ao recebimento de medalhas. No caso da OBMEP⁵,

⁴ Desse total, 152 foram com recursos do Edital Pop Ciência CNPq/MCTI n°11/2025 e 113 com recurso das FAPs.

⁵ Dados relativos à OBMEP realizada em 2024.

por exemplo, mais de 80% das medalhas de ouro foram recebidas por meninos.

Mais do que um tema, “**Ciência Delas**” é um chamado à ação. Trata-se de mobilizar a comunidade científica e educacional para reconhecer que a qualidade, a relevância e a capacidade transformadora da ciência brasileira dependem da sua diversidade. Ao promover a equidade de gênero, não apenas corrigimos injustiças históricas, mas também ampliamos horizontes de inovação e fortalecemos a relação entre ciência e sociedade. Que cada mulher possa ter seu talento reconhecido, sua voz respeitada e seu lugar garantido na construção da ciência, porque lugar de mulher é onde ela quiser – inclusive na Ciência, Tecnologia e Inovação. A ciência avança quando todas as vozes podem ser ouvidas. Lutamos por uma ciência mais justa, equitativa, diversa e transformadora; lutamos por mais mulheres na ciência.

Que esta Semana Nacional de Ciência e Tecnologia seja, em todos os territórios, um espaço de inspiração, engajamento e compromisso com uma ciência mais plural, democrática e conectada com os desafios do país. Que cada professora e professor, cada pesquisadora e pesquisador, cada estudante e instituição se reconheça como parte desse movimento. Que possamos garantir que meninas e mulheres não sejam exceção, mas presença constante e protagonista em todos os campos do conhecimento. Porque uma ciência que incorpora todas as vozes é uma ciência mais potente, mais justa e verdadeiramente transformadora.

Para aprofundar as reflexões e ampliar o debate, outras fontes e referências poderão ser consultadas, enriquecendo ainda mais a compreensão sobre o papel transformador das mulheres na construção do conhecimento. Recomendamos:

- Sínteses das Reuniões e Conferências Preparatórias da 5ª Conferência Nacional de CT&I: Reuniões temáticas do Eixo 4 – Relatório Meninas e Mulheres nas ciências: por uma agenda de equidade e interseccionalidade) (2024). Disponível em:

https://www.cgee.org.br/documents/37878/43769/CGEE_Temas_Estrat%C3%A9gicos_5CNCTI-Reuni%C3%B5es-Tem%C3%A1ticas.pdf

- Lugar de Mulher é na Ciência: Política de Empoderamento de Meninas e Mulheres na Ciência, Tecnologia e Inovação, em anexo.
- Política de Empoderamento de Meninas e Mulheres na Ciência, Tecnologia e Inovação, a ser publicado em breve.